



Horizonte, v. 10, n. 25, jan./mar. 2012

Dossiê: Religião e Literatura

Dossier: Religion and Literature

Antonio Geraldo Cantarela *
Editor

Desde sempre o sagrado mereceu lugar honroso na literatura. Não raro, ocupou sozinho o centro de poemas, contos e romances. “Sozinho” por força de expressão. O sagrado de fato nunca andou desacompanhado. Também não é de hoje que esse namoro entre religião e literatura vem dando motivo para alguma especulação.

Abordagens sistemáticas, acadêmicas, acerca das relações entre o fato religioso e o fazer literário são, todavia, recentes. E, ao que parece, constituem marcos promissores de avanços nessa área de saberes, pelo menos nos espaços mais próximos de nós. Nas últimas décadas, multiplicaram-se na América Latina instituições e eventos voltados para a questão. Encontramos inúmeros grupos de pesquisa e mesmo pesquisadores isolados envolvidos com o assunto. No Brasil, hoje, destaca-se o trabalho da Associação Latino-americana de Teologia e Literatura (ALALITE), que congrega pesquisadores latino-americanos e promove encontros em torno de temáticas que correlacionam religião e literatura.

Compartilhando das buscas empreendidas por tantos pesquisadores, Horizonte dedica ao tema o presente dossiê. O **Editorial**, assinado por Mariângela de Andrade Paraízo, tece laços entre literatura e religião, a partir de alguns traços em comum; e convida a uma travessia pelos artigos, deixando-se tocar por sua urdidura.

Os três primeiros artigos do **dossiê** debatem questões epistemológicas da relação entre literatura e religião. Antonio Manzatto, no artigo “Em torno da questão da verdade”, enfoca “as distintas maneiras de se colocar o problema da verdade em literatura e em teologia”; e afirma o diálogo possível entre as duas áreas.

* Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: agcantarela@yahoo.com.br.

Em “Literatura e religião: a relação buscando um método”, Joe Marçal dos Santos, a partir de categorias desenvolvidas por Ricoeur, afirma a estreita relação entre literatura e religião, enquanto “formas de produção simbólica, narrativa e discursiva de interpretações poéticas e normativas da vida no mundo”.

O artigo de Vinicius Mariano de Carvalho analisa literariamente alguns poemas da tradição mística, um salmo bíblico e a letra de uma canção brasileira; e levanta a pergunta: se se pode falar de uma poética da mística, poder-se-ia falar de uma experiência transcendente também numa poesia dita “profana”?

Os demais artigos do **dossiê** tecem teias entre o sagrado e o literário na leitura de diferentes obras e autores. Em “*Ut pictura poesis*”, Flávia Amparo apresenta “uma interpretação profética e poética da obra de Michelangelo”. E afirma o fazer artístico como interpretação da vida e mediação entre o humano e o divino.

Alessandro Rocha fala de “Mística e angústia na obra de Fernando Pessoa”. Reporta-se a alguns dos últimos poemas do grande poeta português para concluir que, ainda que fingimento da dor existencial, esses poemas podem ser lidos como sintoma de angústia e experiência mística.

O artigo de Cleide Oliveira trata das principais linhas temáticas da poética da escritora mineira Adélia Prado: “Erotismo, mística e morte”. Essa tríade adeliânica configura elementos estruturadores de “uma poética que se enraíza em uma corporeidade extrema que assume corpo e linguagem como abertos para o sagrado”.

Também Josias da Costa fala de “Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado”. Tal poética mostra-se “profundamente marcada por uma caminhada rumo à iluminação mística”, faz-se canção que celebra a vida e afirma o corpo como lugar de encontro com Deus.

O artigo “A voz reinventada da tradição: ritos iniciáticos na obra de Mia Couto” – de nossa autoria – percorre alguns contos e romances do autor moçambicano buscando referências ao sagrado expressas com os modos característicos da tradição. Detém-se particularmente nas formas narrativas construídas nos moldes das narrativas míticas.

Na seção de **temática livre** foram publicados três artigos com temas diversos. O artigo assinado por Vicente Artuso e Fabrizio Catenassi utiliza ferramentas metodológicas

da análise narrativa, sob o viés da oposição conflito-solução, para destacar “A ambivalência do simbolismo da serpente em Números 21,4-9”.

Eduardo Maranhão, em “Marketing de Guerra Santa”, apresenta apontamentos sobre o planejamento estratégico de mercado – midiatização, espetacularização, mercadorização – aplicado por igrejas cristãs na conquista de adeptos e na sua fidelização.

Karla Patriota e Diego Salcedo discutem “A visibilidade e representação social das religiões nos selos postais brasileiros” emitidos durante o século XX.

Três **comunicações** retomam a temática da relação entre religião e literatura. Em “A narrativa que constitui mundos”, Vitor Chaves de Souza revela o Mircea Eliade escritor de literatura – âmbito no qual o ilustre historiador das religiões expressa com grande liberdade suas hipóteses sobre o fato religioso.

Em “*De magistro*: dos signos à transcendência”, Hugo Langone delinea os passos da leitura agostiniana da linguagem verbal e da comunicação, enquanto meios de conhecimento e de ensino, caminho para chegar às realidades metafísicas superiores e ao próprio Deus.

Em “O ‘jogo de espelhos’: religião, poder e sacralidade no romance ‘Memorial do Convento’”, Thiago Maerki destaca, a partir do romance de Saramago, os confrontos e afinidades entre a Igreja Católica e a Corte portuguesa do século XVIII, e as implicações desse “jogo” na construção da narrativa.

Publicamos ainda três resumos de **teses** de doutorado que abordam as aproximações entre o sagrado e o literário: a de Paulo Roberto Cardinelli, sobre Saul Bellow; a de Mauro Rocha Batista, sobre Kafka. Destacamos particularmente a tese de Josiley Francisco de Souza, que se sustenta sobre ampla base de dados para demonstrar “a presença africana em narrativas orais inscritas no Brasil”. Ainda que não discuta a questão do sagrado, oferece rico material a quem se interessa por fazê-lo a partir das heranças africanas.

Confirmam também nossas resenhas, assinadas por João Batista Libanio, Joelma Aparecida Xavier e Marcos Adriano Lovera.

Aos leitores de Horizonte, boa travessia. Ou, plagiando a linguagem das redes sociais: curtam, comentem, compartilhem. Boa leitura.

